

Histórias de classe

EDUCADORES DE VÁRIAS PARTES DO BRASIL CONTAM SUAS TRAJETÓRIAS E O ENVOLVIMENTO COM EXPERIÊNCIAS TRANSFORMADORAS

Um dos principais atributos de um bom professor é ser um bom narrador. E, por mais que alguns já nasçam ou cresçam com essa veia mais desenvolvida, as narrativas mais cativantes e envolventes são feitas de vivências, do contato com situações e dificuldades variadas, da interação com as mais diversas pessoas, com experiências capazes de ajudar a escrever o que somos.

O narrador é aquele que conserva a história da comunidade em que vive, ou aquele que, movido pela curiosidade, percorre outros mundos, conta novas histórias nos lugares por onde vai passando e toma contato com pessoas diferentes. De um ou de outro jeito, preserva e amplia o que sabemos do mundo.

As histórias a seguir trazem diferentes inquietações e olhares, mas sobretudo buscas de pessoas que não cessaram até que encontrassem sua identidade naquilo que fazem, na necessidade de estar em contato com o outro, de crescer com aqueles a quem ensinam.

Os professores a seguir participaram do **REP Histórias de Classe**, plataforma de histórias inspiradoras da Globo, promovida pela Diretoria de Responsabilidade Social. Em duas edições, 16 professores compartilharam suas experiências, publicadas nas mídias digitais da Globo e acessíveis na versão digital do Caderno.

O olhar que enxerga a potência

Meus pais me ensinaram que a educação era a coisa mais importante da minha vida. Eu sonhava entrar na escola. Mas quando chego lá, já sou uma criança muito marcada pelo racismo, pelos xingamentos que remetiam à minha cor e ao meu cabelo. Eu começo a sonhar em ter o poder de ser invisível, assim continuaria na escola sem sofrer as agressões. Passo pela primeira série sem aprender a ler. Na segunda série, numa ocasião, a professora Creusa me chama. “Ela descobriu que eu não sei ler e vai me dar uma bronca.” Para minha surpresa, ela me colocou no colo e, ali, eu tomei decisão mais importante da minha vida: eu não queria ser invisível. Queria ser professora, porque a crença, o amor, a vibração que ela tinha quando eu aprendia era algo tão forte, que me transformou profundamente.

Eu me tornei professora aos 19 anos, me sentindo a pessoa mais importante do mundo. Até que, depois de uma década em sala de aula, eu entro numa turma de 6º ano em que não conseguia dar aula. Recebi um diagnóstico de depressão profunda. Disse a mim mesma: “Ou eu desisto ou preciso me ressignificar”.

Criei uma conta numa rede social para me sentir conectada com os meus alunos. Percebi que era recorrente nas redes as meninas reproduzirem o referencial da mulher objetificada. Decidi criar o projeto Mulheres

Inspiradoras. Propus aos alunos o estudo da biografia de grandes mulheres; eles leram obras de autoria feminina e os desafiei a descobrir a mulher inspiradora da vida deles. Foram entrevistar essas mulheres e sanar as lacunas que tinham em relação à história da mãe, da avó e da bisavó. Essas mulheres também relataram que, depois das entrevistas, se reaproximaram dos filhos, dos netos e ficaram surpresas de se descobrirem tão inspiradoras.

Esse projeto recebeu três prêmios no Brasil e um internacional. Foi transformado em programa de governo e hoje chega a 15 escolas públicas do Distrito Federal. Mas há dois prêmios que são intangíveis. O primeiro, ouvir das alunas: “Professora, descobri que eu quero ser uma mulher que carrega uma grande história”. O segundo prêmio foi, 34 anos depois, reencontrar a professora Creusa e, ao entrevistá-la, fazer a pergunta que carregava desde os 8 anos: “Quando a senhora olhava para mim, via uma criança tímida, assustada, sempre na expectativa de um safanão e de um xingamento?”. Ela disse: “Eu não via nada disso. Via uma criança que queria aprender”. Naquele momento, ela me ensinou mais uma lição valiosa. O que de mais importante a gente pode fazer como educador é olhar para cada criança e para cada adolescente no que eles têm de potência e de força e não naquilo que falta a eles.



© ACERVO PESSOAL

GINA VIEIRA, 46 ANOS, CRIADORA DO PROJETO MULHERES INSPIRADORAS E PROFESSORA DO DISTRITO FEDERAL



© ACERVO PESSOAL

FRANCIELE SANTOS, 25 ANOS, PROFESSORA DE MATEMÁTICA NA REDE ESTADUAL DE CAMPO GRANDE (MS)

Espaço dos sonhos

Quando pequena, eu sonhava em ser astronauta. Quando abria os olhos, estava em Sertãozinho [SP], cidade de mais ou menos de 20 mil habitantes. A escola era o lugar que alimentava os meus sonhos. Na 3ª série, fui à Olimpíada de Astronomia. Não fui premiada, mas fiquei encantada. Na 4ª série, consegui a minha primeira medalha, de ouro. Com isso, ganhei uma bolsa de estudos numa escola particular. Aos 13 anos, entrei numa depressão profunda. Parei de estudar. Com o apoio de amigos, familiares e de ex-professores, busquei tratamento. Voltei a estudar, fiz uma prova parecida com o EJA [Educação de Jovens e Adultos]. Concluí o ensino médio e decidi que queria mais. Em 2012, entrei na USP para cursar bacharelado em Matemática aplicada a negócios. Em 2013, recebi uma bolsa do governo e fui para um intercâmbio de um ano na Itália.

Foi a primeira vez que andei de avião, a primeira vez que pude estar um pouco mais perto do céu, literalmente.

Voltei para terminar a faculdade e recebi uma proposta de estágio num banco em São Paulo. Não tinha ninguém parecido comigo, era um ambiente com poucas mulheres, poucas pessoas negras, poucas pessoas vindas da periferia.

Eu ingressei no Ensina Brasil. Essa rede compartilha comigo o sonho de que um dia todas as crianças terão uma educação de qualidade. Não fui astronauta, escolhi ser professora, dessas que pisam na sala e olham para cada aluno como uma potência.

Construção coletiva

Entre para ser diretor de uma escola. Tinha uma lista de 14 escolas para escolher. Uma pessoa amiga falou: “Essa escola Presidente Campos Salles não pegue de jeito nenhum, é uma escola de favelados e baderneiros”. O motivo principal foi que a origem daquelas famílias de Heliópolis é semelhante à da minha família. Então, eu não estava entre baderneiros e favelados, estava entre os meus. E construímos com a comunidade um projeto em que o aluno é protagonista. Lá, o bom professor é aquele que oferece recursos para que os alunos caminhem com as próprias pernas.

A escola pública, para mim, é a casa de todos. O aluno tem de viver e exercer a cidadania cotidianamente na escola. E eles tomam decisões a partir de uma ética baseada em três princípios: autonomia, responsabilidade e

solidariedade. Esses princípios já são comungados por milhares de pessoas da comunidade.

Em 2002, roubaram 21 computadores. Aquilo, para mim, gestor da escola considerada integrada com a comunidade, foi um ato violento. Fui fazer o B.O. Na rua, falávamos com as pessoas: “Não foi a escola, o diretor, o prefeito que foram roubados, foram os filhos de vocês. Vocês pagam impostos, é por isso que tem esses computadores lá”. Três dias depois, um carro e uma moto me fecham. Pensei: “Pronto, acabou”. O cara do carro falou: “Ai, sr. Braz, vamos devolver os computadores”.

Em resposta, retirei os muros da escola, porque a segurança é a integração escola-comunidade. Quem tem de cuidar da escola é a comunidade onde a escola está inserida.



© ACERVO PESSOAL

BRAZ RODRIGUES NOGUEIRA, 66 ANOS, EDUCADOR, EX-DIRETOR DA EMEF CAMPOS SALLES (SÃO PAULO, SP)

Quem se importa

Fui preso três vezes, baleado algumas vezes. Aos 6 anos fui morar com um casal de tios. Meu pai e minha mãe se tornaram moradores de rua. Meu tio, alcoolista, agredia a mim e a minha tia. Aos 13 anos me envolvi com criminalidade e com as drogas. Aos 16 anos fui preso, cumpri medidas socioeducativas na antiga Febem, onde conheci um professor que me ensinou algumas técnicas de pintura. Ao sair, voltei a cometer crimes. Fui baleado aos 18 anos, cinco tiros no peito. Estendido na rua, pensei em me entregar para a morte, quando um grupo de crianças que saíam

da escola dizia: “Aguente firme”. Uma mulher me levou para o hospital.

Aos 22 anos fui preso pela última vez, cumpri cinco anos de pena. Saí muito pior que entrei. Eu não queria mais ser o criminoso que roubava pouca coisa. Eu queria ser um grande criminoso.

Comecei a trabalhar naquilo que eu poderia naquele momento: entregar panfletos, servir mesa no restaurante. Eu fazia esses bicos para sobreviver, mas sonhava em cometer um grande crime. Mas isso nunca aconteceu,

porque conheci pessoas que olharam para mim como um sujeito de direitos. Essas pessoas me ajudaram porque enxergaram minhas necessidades, me ajudavam a pagar aluguel, comprar coisas. O amor delas foi me deixando constrangido, envergonhado do que eu tinha feito e do que pensava em fazer. A maneira que essas pessoas me tratavam me levou a querer tratar as pessoas ao meu redor com o mesmo amor.

Um dia, entregando panfleto, percebi que as pessoas que tinham

uma vida melhor tinham um nível de escolarização melhor que o meu. Retomei os estudos, fiz um supletivo, ganhei uma bolsa para fazer faculdade de Pedagogia. Tive muita dificuldade, porém fui até o fim.

Passei num concurso para professor do fundamental 1. Escondia a minha história, tinha medo que me rejeitassem. Mas me inspirei no meu professor da Febem e escrevi um livro, que fez sucesso, me levou para a televisão. A educação contribuiu para que eu viesse a me libertar de um estado de miséria e me tornar uma pessoa melhor.



© ACERVO PESSOAL

ITAMAR XAVIER DE CAMARGO, 37 ANOS, PROFESSOR DE ARTES NA REDE MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE (SP)

O abraço que valeu uma vida

Sou neta de escravos. Meu pai foi ferroviário e minha mãe, doméstica, lavadeira e parteira dos pobres. Tive uma família espetacular.

Eu sempre soube da Flip [Festa Literária de Paraty], mas nunca sobrava dinheiro para ir. Aí eu falei: “Estou com 77 anos. Não posso morrer sem ver uma Flip”. Daí vem a mesa do Lázaro Ramos com a jornalista portuguesa [Joana Gorjão Henriques], com um livro de denúncia [Racismo em português - O lado esquecido do colonialismo]. Comecei a chorar. Quando vi, estava em pé e foi aquilo que vocês viram. Falei com a alma, com o peso que carreguei na vida.

O que me deixou feliz foi o respeito com que aquelas pessoas me ouviram. No final, uma menina de uns 13 anos, branquinha, veio muito tímida.

– A senhora pode me dar um abraço?
– Mais que um, quantos você quiser.

Ela começou a chorar:
– Eu quero pedir perdão para a senhora.

Quase desmaiei:
– Você não tem de pedir perdão. Estou feliz porque você me ouviu e compreendeu.
– Mas eu tenho de pedir perdão pelo que meus antepassados fizeram com vocês.
– Querida, você não precisa me pedir perdão. Porque eu tenho certeza que o seu filho não vai fazer com os negros, com os índios, com os pobres da periferia o que fizeram comigo.

Eu acredito nessa nova geração e tenho mais é que acreditar, porque eles vão mudar esse país. A educação é a verdadeira libertação.



© ACERVO PESSOAL

DIVA GUIMARÃES, 78 ANOS, PROFESSORA APOSENTADA DE CURITIBA (PR)

O corpo acolhido na escola

Quando eu comecei, o que mais queria era que a aula de Educação Física fosse um espaço em que todos tivessem a oportunidade de participar, independentemente do nível de habilidade.

Um grande desafio foi receber crianças com deficiência na minha aula. A gente é formado para lidar com um padrão de aluno, e eu vi que as minhas estratégias eram insuficientes para lidar com aquela diversidade. Isso me causava uma angústia muito grande:

“O que eu fiz por essa criança hoje?”. Só recebê-las com carinho, com respeito, não basta.

Um aluno que me marcou muito tinha uma doença degenerativa. Ele começou a perder a força nas pernas. Um dia, ele caiu na minha frente. Quando eu fui levantá-lo, ele se recusou e começou a chorar. “Professora, eu não consigo, eu não consigo mais...” Aquilo me tocou fundo. Eu pensei: “Não posso permitir uma criança na minha frente desistir dela própria. Tem de haver um jeito”.

Do campus para o campo

Nunca me passou pela cabeça ser educadora. Me casei com 19 anos e fui morar numa cidade de 2 mil habitantes. Meu esposo trabalhava em banco, e os funcionários e as esposas foram ser os professores da escola local. Depois fui para o Acre, onde ensinei Matemática no fundamental e fiz o curso de Letras.

Retornei à Paraíba, na cidade de Solânea. Comecei a lecionar em três lugares. Aí, surgiu uma oportunidade para seleção de professora substituta da universidade. Quando botei meus pés na universidade, ganhando mais do que nos três empregos, com tempo pra estudar, pesquisar, eu disse: “Aqui é meu lugar”. Fiz meu mestrado e nos mudamos para Bananeiras, cidade vizinha, a maioria na zona rural. Surgiu a proposta de alfabetizar lavradores. Começamos esse projeto social com

seis alunos e terminamos com 21. Daí eu disse: “Meu lugar não é mais dentro da universidade, meu lugar é aqui”. Fui fazer doutorado, pois precisava me fundamentar melhor para transformar aquela escola. Desde o início, não tínhamos apenas a preocupação de ensinar a ler e escrever, mas de trabalhar o ser humano na sua multidimensionalidade. E eles começaram a pedir que aquele trabalho fosse estendido aos filhos.

Em 2015 iniciamos com a nova proposta: sem seriação, com tudo construído a partir de projetos. Eu não acredito na educação que vem de cima para baixo, em que tudo é imposto e com um currículo que não faz sentido para as crianças. Elas estudam aquilo que faz sentido e transforma a realidade na qual estão inseridas.



© ACERVO PESSOAL

LEILA COELHO, 51 ANOS, EDUCADORA EM BANANEIRAS (PB)

desenvolver projetos, que renderam até prêmios. Fiz mestrado em Educação, com foco em Educação Inclusiva, e comecei a atuar na formação de outros profissionais.

A mensagem que tento levar é daquela Educação Física que acolha a todos. De pensarmos na inclusão do corpo na escola, na Educação Física, como algo extremamente necessário para a formação do indivíduo, e pensarmos nas pessoas com deficiência como sujeitos de direitos dentro da escola.



© ACERVO PESSOAL

FERNANDA PEDROSA, 37 ANOS, BELO HORIZONTE (MG)